

Angola

Girón africano



Amleus

Angola Girón africano

Fidel Castro

EDICIONES POLITICAS



EDITORIAL DE CIENCIAS SOCIALES, LA HABANA, 1976

LUCIO LARA

Angola

Girón Africano

Fidel Castro

EDICIONES POLITICAS

Editorial de Ciencias Sociales del Instituto Cubano del
Libro, Calle 14 N° 4104, Miramar, La Habana, Cuba

LUCIO LARA

**DISCURSO DO COMANDANTE EM CHEFE FIDEL CASTRO
NO ATO CENTRAL POR OCASIÃO DO XVº ANIVERSÁRIO
DA VITÓRIA DE PRAIA GIRÓN, HAVANA, 19 DE ABRIL
DE 1976, "ANO DO XXº ANIVERSÁRIO DO GRANMA".**

Caros companheiros:

Fazem exatamente quinze anos, nesta mesma hora, ainda se ouviam os ecos dos últimos disparos da batalha em que foi esmagada uma das mais tenebrosas e traiçoeiras ações do imperialismo ianque contra um povo da América Latina.

Girón ficou na história como a primeira derrota desse imperialismo, neste continente.

Seria inútil qualquer tentativa para encontrar o menor princípio ético em um sistema cujos atos caracterizam-se todos pela exploração, a pilhagem, o engano e o crime. Quantas páginas têm escrito os Estados Unidos da América do Norte nas suas relações com os povos latinos deste hemisfério, desde que arrebataram do México, mais da metade do seu território, até que propiciaram o seu criminoso golpe fascista no Chile, que culminou com o assassinato do ilustre revolucionário e digno presidente Salvador Allende (*Aplausos*), passando pela ocupação

do istmo do Panamá, as sórdidas e piráticas intervenções armadas em numerosos países da América Central e das Caraibas, o assassinato de Sandino e o desembarque em São Domingos dos Fuzileiros Navais ianques, para liquidar a revolução de Francisco Caamaño, todas têm o mesmo estilo de prepotência, engano, traição e violência.

Por meio destes aleivosos procedimentos apoderaram-se da riqueza de toda a América, impuseram aos nossos povos um impiedoso sistema de exploração e inauguraram, antes que em qualquer outra parte do mundo, os métodos neo-colonialistas de dominação.

Tudo em torno ao episódio de Girón foi aleivosia, flagrante violação do Direito Internacional, perfídia e crime. A tenebrosa CIA investiu dezenas de milhões de pesos para recrutar, treinar e equipar mercenários: latifundiários, burgueses, vende-pátrias, criminosos de guerra, viciados em drogas, delinqüentes vulgares e lumpens. A sua estratégia foi acompanhada de arrepiantes planos de assassinatos de dirigentes da Revolução Cubana, nos quais não vacilaram em utilizar conhecidos chefes da Mafia, venenos, bactérias, explosivos e os métodos mais refinados do crime. A qualquer hora do dia e da noite, em aviões ou por meios navais, dezenas de agentes e milhares

de armas foram sistematicamente introduzidos no nosso país, antes disso. Em um Estado da América Central foram instaladas as suas bases de treinamento, e no outro, os pontos de embarque e os campos de aviação.

Num amanhecer límpido e tranqüilo, a 15 de abril de 1961, aviões de bombardeio ianques com insígnias cubanas atacaram as nossas bases aéreas, onde uns poucos, desengonçados e velhos aviões, com apenas meia dúzia de pilotos, constituíam a nossa Força Aérea. Nas Nações Unidas, com um cinismo insuperável, o representante dos Estados Unidos declarava que tais aviões faziam parte da nossa própria Força Aérea sublevada.

Tudo se fez com o silêncio cúmplice e muitas vezes com a colaboração da maioria dos governos da América Latina, com a permissão e o apoio da nojenta e repugnante OEA. Nunca se juntou tanta corrupção, senvergonhice, covardia, imoralidade e crime, para levar a cabo uma ação militar e política, na história do nosso continente. Isso está simbolizado no ataque mercenário da Baía dos Porcos. Hoje os fatos são conhecidos em todos os seus detalhes, revelados mesmo, pelos seus autores e participantes diretos. Assim se escreve a história do imperialismo, sem que a confissão oportuna e obrigada, dos seus crimes, implique, contudo, no menor princípio de reti-

ficção, nele e nos seus miseráveis cúmplices. Girón, Watergate, os falsos incidentes do Golfo de Tonkin, os planos de assassinatos de dirigentes estrangeiros, a desestabilização dos governos pela CIA, os golpes de estado fascistas, a prática universal de suborno de governantes e funcionários, instaurada pelos grandes monopólios ianques, e outros fatos similares, hoje conhecidos pela opinião pública mundial, não significam que tais práticas virão a cessar, enquanto existir o imperialismo.

Os Estados Unidos instauraram por todo o mundo um sistema de pactos militares, bases agressivas, centros de corrupção, suborno, propaganda subversiva e espionagem, ações abertas ou camufladas, terror e ameaça, de que o imperialismo pela sua própria natureza rapaz e exploradora não pode prescindir.

Nessas instituições de guerra, agressão, espionagem e suborno, os Estados Unidos investem hoje mais de 120 bilhões de dólares, cifra que é duas vezes superior a todos os orçamentos públicos juntos, dos países da América Latina.

A experiência demonstra, contudo, que apesar destes fabulosos meios postos a serviço da reação, da subversão e do crime, o imperialismo não pode deter a marcha vitoriosa dos povos. Girón, Vietnã, Laos, Camboja, Guiné-Bissau, Moçambi-

que, Angola e outros exemplos similares, são provas irrefutáveis desta verdade.

As vezes o imperialismo detém o curso da libertação em alguns países, como no Chile; às vezes promove golpes de Estado ou arrasta certos governos à traição, ora para esmagar os revolucionários de uma nação determinada, ora para dividir as forças progressistas, como ocorre no seio do movimento nacionalista árabe. Fazem, vergonhosamente, o jogo dessa estratégia, aqueles que, dentro das fileiras do próprio movimento revolucionário traem os princípios do internacionalismo proletário por vaidade, falta de consistência ideológica, ambições pessoais ou simples decadência e senilidade, como no caso da camarilha soberba e demente que rege os destinos da China. Mas esses êxitos do imperialismo são realmente passageiros. Nenhuma política imperialista, nenhuma covardia, nenhuma traição poderá deter a marcha inexorável da história e o triunfo das idéias revolucionárias.

Não há obra humana perfeita, e certamente as revoluções feitas pelos homens com as suas limitações e imperfeições, também não são. A marcha da humanidade em direção ao futuro deve necessariamente conhecer experiências dolorosas, mas esse futuro pertence aos princípios, à solidariedade revolucionária entre os povos, ao

socialismo, ao marximo-leninismo e ao internacionalismo.

Esta alternativa entre o passado e o futuro, a reação ou o progresso, a traição ou a lealdade aos princípios, o capitalismo ou o socialismo, o domínio imperialista ou a libertação, foi o que ficou decidido em Girón naquele 19 de abril de 1961. Três dias antes, diante dos túmulos dos primeiros mártires da brutal agressão, o povo proclamou o carácter socialista da nossa Revolução, e os homens e mulheres da nossa pátria dispuseram-se a morrer por ela. Ninguém sabia o número de mercenários; ninguém sabia quantos fuzileiros navais e soldados ianques viriam depois deles, quantos aviões, quantos novos bombardeios haveria que suportar. Nunca, como nesse instante, a palavra de ordem de Pátria ou Morte fêz-se mais dramática, real e heróica. A decisão de morrer ou vencer, que se apossou de um povo inteiro, era superior a todos os riscos, sofrimentos e perigos. Isto fêz duplamente histórica aquela data, porque a partir de Girón nasceu realmente o nosso Partido marxista-leninista (*Aplausos*); a partir daquela data conta-se a militância no nosso partido; a partir daquela data o socialismo ficou para sempre cimentado com o sangue dos nossos operários, camponeses e estudantes; a partir daquela data o destino dos povos deste

continente, na liberdade e na dignidade que conquistava um deles ante a agressão do poderoso império que os avassalava a todos, seria diferente. Porque, diga-se o que se queira, a partir de Girón, todos os povos da América ficaram um pouco mais livres.

O espetáculo de um povo corajoso, heróico e vitorioso, abalou até os alicerces e mudou a psicologia política, os velhos esquemas e os hábitos de pensar neste continente. O próprio Governo dos Estados Unidos viu-se na necessidade de expôr novas políticas e métodos para impedir o avanço revolucionário. Surgiu a Aliança para o Progresso, e muitos governos deste hemisfério que até então não haviam recebido a menor consideração, tiveram as honrarias do recebimento na Casa Branca, empréstimos a longo prazo e créditos bancários. O sangue dos caídos em Girón foi, mesmo, capitalizado por muitos governos burgueses da América Látina, como já tinham capitalizado antes as agressões contra a nossa quota açucareira. Palavras como Reforma Agrária, Reforma Fiscal, redistribuição de ingressos, planos habitacionais, educação e saúde pública para os povos da América Latina, que até esse momento jamais tinham aparecido no léxico de Washington, puseram-se de moda. Toda uma filosofia foi preparada no meio do pânico dos imperialistas,

latifundiários e burgueses, para impedir a revolução social na América Latina. No Chile inventou-se a "revolução em liberdade", para demonstrar que a justiça social era possível sem o socialismo, que é o mesmo que demonstrar que pode haver justiça sob o domínio imperiálista, do sistema capitalista, da ditadura da burguesia e da exploração do homem pelo homem.

Hoje ao imperialismo, depois destes ensaios enganosos, ridículos e utópicos, somente resta o fascismo. Esta verdade nua e crua é compreendida pelos povos. Já não há nem sequer os modelos clássicos de "democracia representativa", como foram durante muito tempo, para regozijo de liberais e ignorantes, o Uruguai e o Chile. Só há ditadura fascista, tortura e crime. E o que é que pode ser isto, senão a única ante-sala das mudanças verdadeiramente radicais e profundas que os nossos povos necessitam? Depois do fascismo, o que é que resta ao imperialismo?

Ao comemorar este XVº Aniversário da heróica e gloriosa vitória de Girón, o nosso povo tem um motivo a mais de orgulho, que expressa a sua mais bela página internacionalista e que transcende as fronteiras deste continente: a histórica vitória do povo de Angola (*Aplausos prolonga-*

dos) a que oferecemos a generosa e irrestrita solidariedade da nossa Revolução.

Em Girón derramou-se sangue africano, o dos abnegados descendentes de um povo que foi escravo antes de ser operário, e foi operário explorado antes de ser dono da sua pátria. E na África, junto ao dos heróicos combatentes de Angola, derramou-se também sangue cubano, o dos filhos de Martí, Maceo e Agramonte, o dos que herdaram o sangue internacionalista de Gómez e do Che Guevara (*Aplausos prolongados*). Os que um dia escravizaram o homem e enviaram-no à América, talvez nunca tenham imaginado que um desses povos que recebeu os escravos, enviaria os seus combatentes para lutar pela liberdade na África.

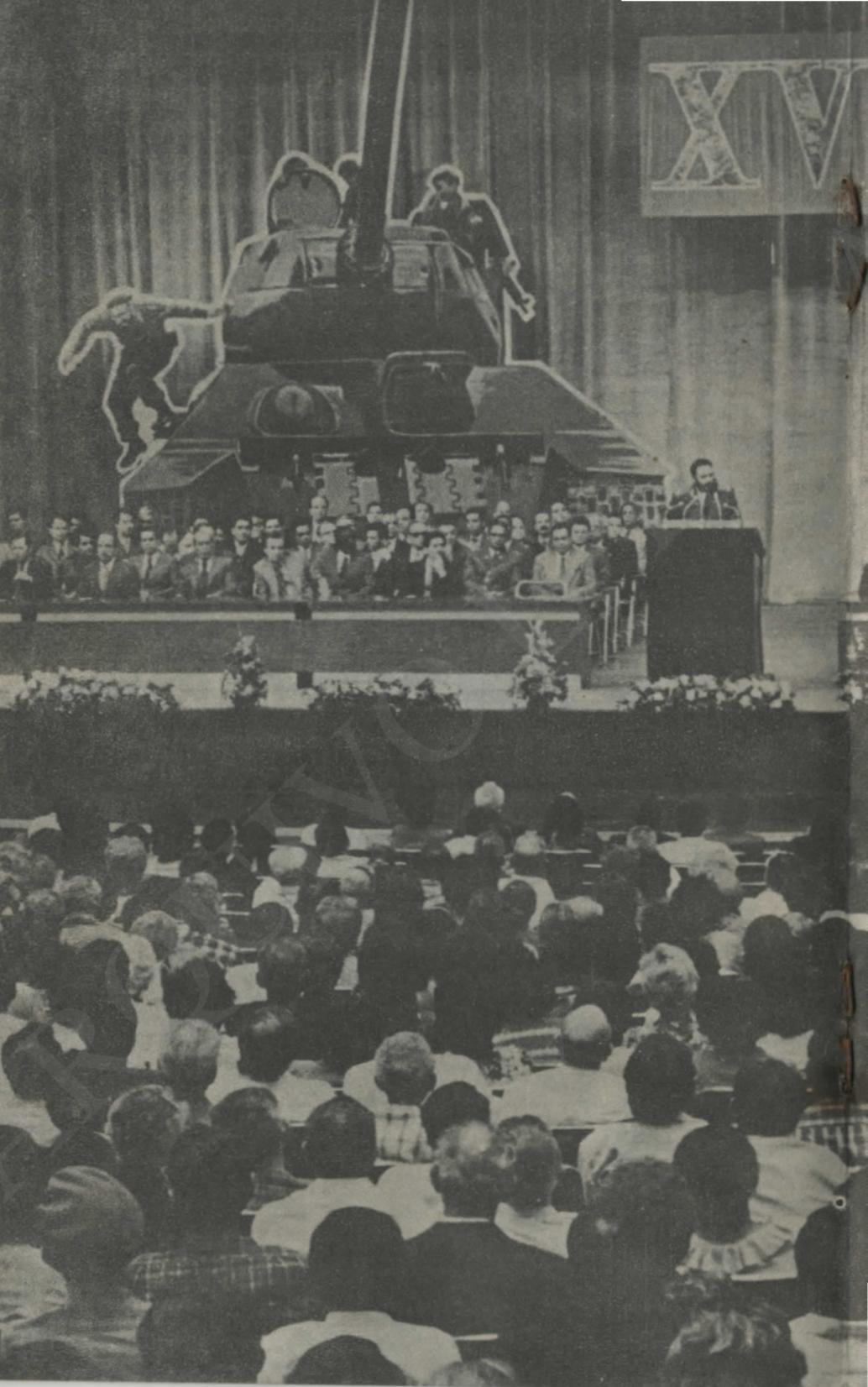
A vitória de Angola foi irmã gêmea da vitória de Girón (*Aplausos*). Angola constitui para os imperialistas ianques um Girón africano (*Aplausos*). Em uma ocasião dissemos que o imperialismo sofria as suas grandes derrotas no mês de abril: Girón, Vietnã, Camboja, etc. Desta vez a derrota chegou em março. No dia 27 deste mês, quando os últimos soldados sul-africanos, depois de uma retirada de mais de 700 quilômetros, cruzaram a fronteira da Namíbia, tinha sido escrita uma das mais brilhantes páginas da libertação da África Negra.

Ford e Kissinger estão irritados com a derrota. E como dois êmulos de Júpiter trovejante, têm proferido tremebundas ameaças contra Cuba.

Ford, em um comício de politicagem em Miami, ansioso de obter os votos da "gusanera" contra-revolucionária, competindo com o seu rival Reagan que, dito seja com justiça, é ainda muito mais reacionário que ele, qualificou o Primeiro-Ministro de Cuba de delinqüente internacional, por causa da ajuda prestada pelo nosso povo a Angola. Alguns comentaristas da imprensa dos Estados Unidos assombraram-se, mesmo, de escutar, da ilustre boca do senhor Ford, semelhantes epítetos. Mas não é somente isto, talvez como ilustração do nível cultural que já vai-se fazendo proverbial em Ford, este declarou em uma ocasião que a ação de Cuba em Angola era similar ao ocorrido na Etiópia na época de Mussolini. E mais adiante, não conformado ainda com este original símile histórico, comparou-a com o desmembramento da Checoslováquia por Hitler quando Munich.

A guerra de Angola foi na realidade a guerra de Kissinger. Ante o critério de alguns dos seus colaboradores mais próximos ele empenhou-se em realizar operações camufladas para liquidar o MPLA, através dos grupos contra-revolucionários FNLA e UNITA, com o apoio de mercenários





ANIVERSARIO DE LA VICTORIA DE PLAYA GIRON





brancos, do Zaire e da África do Sul. Diz-se que a própria CIA advertiu de que tais operações clandestinas não poderiam ser mantidas em segredo. Além da FNLA ter sido apoiada pela CIA desde a sua fundação, fato que já foi reconhecido publicamente, os Estados Unidos, desde a primavera de 1975 investiram dezenas de milhões de dólares para abastecer de armas e instrutores os grupos contra-revolucionários e divisionistas de Angola. Tropas regulares do Zaire, instigadas pelos Estados Unidos, entraram no território de Angola desde o verão desse mesmo ano, enquanto forças militares da África do Sul ocupavam a zona de Cunene no mês de agosto e enviavam armas e instrutores aos bandos da UNITA.

Naquele tempo não havia em Angola um único instrutor cubano. A primeira ajuda material e os primeiros instrutores cubanos chegaram a Angola em princípios de outubro a pedido do MPLA, quando Angola já estava sendo descaradamente invadida por forças estrangeiras. Contudo, nenhuma unidade militar cubana havia sido enviada a Angola para participar diretamente na contenda, nem estava projetado fazê-lo.

A 23 de outubro, instigadas igualmente pelos Estados Unidos, tropas regulares do exército da África do Sul, apoiadas por tanques e artilharia, partindo das fronteiras da Namíbia, invadiram

o território de Angola e penetraram profundamente no país, avançando de 60 a 70 quilômetros por dia. A 3 de novembro haviam penetrado mais de 500 quilômetros em Angola, esbarrando com a primeira resistência nas proximidades de Benguela, oferecida pelo pessoal de uma escola de recrutas angolanos, recém-organizada, e pelos seus instrutores cubanos, que virtualmente não dispunham de meios para conter o ataque dos tanques, da infantaria e da artilharia sul-africanas.

A 5 de novembro de 1975, a pedido do MPLA, a Direção do nosso Partido decidiu enviar, urgentemente, um batalhão de tropas regulares com armas anti-tanques (*Aplausos*), para apoiar os patriotas angolanos em sua resistência à invasão dos racistas sul-africanos. Esta foi a primeira unidade de tropas cubanas enviadas a Angola. Quando chegou ao país pelo norte, os interventionistas estrangeiros estavam a 25 quilômetros de Luanda, a sua artilharia de 140 milímetros bombardeava os arredores da capital e os fascistas sul-africanos já haviam penetrado mais de 700 quilômetros pelo sul, desde as fronteiras da Namíbia, enquanto Cabinda era defendida heroicamente pelos combatentes do MPLA com um punhado de instrutores cubanos.

Não pretendo fazer um relato dos acontecimentos da guerra de Angola, cujo ulterior desenvolvimento é, em linhas gerais, de todos conhecido, a não ser assinalar a oportunidade, a forma e as circunstâncias em que começou a nossa ajuda. Estes fatos são rigorosamente históricos.

O inimigo tem falado de cifras de cubanos em Angola. Basta dizer que uma vez começada a luta, foram enviados os homens e as armas necessárias para concluí-la vitoriosamente (*Aplausos*). Em honra do nosso povo devemos dizer que centenas de milhares de combatentes de nossas tropas regulares e reservistas estavam dispostos a lutar junto aos seus irmãos angolanos (*Aplausos*).

As nossas baixas foram mínimas. Apesar da guerra ter-se travado em quatro frentes e os nossos combatentes terem participado junto aos heróicos soldados do MPLA na libertação de quase um milhão de quilômetros quadrados (*Aplausos*) que haviam sido ocupados pelos intervencionistas e os seus sequazes, nas ações de Angola que duraram mais de quatro meses, morreram menos soldados cubanos que nos três dias de combate de Girón (*Aplausos*).

A decisão cubana foi totalmente tomada sob a sua responsabilidade. A URSS, que sempre ajudou os povos das colônias portuguesas na sua

luta pela independência e prestou a Angola agredida uma ajuda fundamental em equipamentos militares e colaborou com os nossos esforços, quando o imperialismo nos havia praticamente cortado todas as vias de acesso à África, pelo ar, jamais pediu o envio de um único cubano a esse país. A URSS é extraordinariamente respeitosa e cuidadosa nas suas relações com Cuba. Uma decisão desse tipo só podia ser tomada pelo nosso próprio Partido (*Aplausos*).

Ford e Kissinger mentem ao povo norte-americano e à opinião mundial quando pretendem responsabilizar a União Soviética pelas ações solidárias de Cuba em Angola.

Ford e Kissinger mentem quando se empenham em culpar o Congresso dos Estados Unidos pela derrota dos intervencionistas em Angola, por não autorizar novos fundos aos bandos contrarrevolucionários da FNLA e da UNITA. Tais medidas do Congresso se produziram nos dias 16, 18 e 19 de dezembro. Nessa data já a CIA havia fornecido enormes somas em armas, as tropas do Zaire haviam sido repelidas em Luanda, Cabinda havia sido salva, os sul-africanos estavam contidos e desmoralizados nas margens do rio Queve e nenhum envio de armas da CIA teria mudado o curso inexorável dos acontecimentos. Hoje estariam em mãos das forças revo-

lucionárias, como muitas das que forneceram anteriormente.

Ford e Kissinger mentem ao povo dos Estados Unidos e especialmente à população negra desse país, quando ocultam o fato de que as tropas fascistas e racistas da África do Sul invadiram o território de Angola criminosamente, muito antes de Cuba enviar para lá qualquer unidade regular de soldados.

Há algumas outras mentiras de Ford e Kissinger em relação a Angola que não vem ao caso analisar agora. Ford e Kissinger sabem perfeitamente que tudo quanto eu digo é verdade.

Não vou assinalar neste ato solenne o qualificativo que merecem os insolentes epítetos de Ford nas suas campanhas de politicagem pelo sul dos Estados Unidos e outros cínicos fatos da sua política imperial, basta, por agora, responder-lhe que é um mentiroso vulgar (*Aplausos*).

É certo que em Angola ocorreu o mesmo que na Etiópia, mas, ao contrário. Neste caso, os imperialistas, os racistas, os agressores simbolizados pela CIA, as tropas sul-africanas e os mercenários brancos, não obtiveram a vitória nem ocuparam o país; a vitória foi dos agredidos, dos revolucionários, do povo negro e heróico de Angola (*Aplausos*).

Em Angola aconteceu como na Checoslováquia quando houve Munich, mas, também, ao contrário; o povo agredido recebeu a solidariedade do movimento revolucionário e os imperialistas e os racistas não puderam desmembrar o país, nem repartir entre si as suas riquezas, nem assassinar os seus melhores filhos. Angola está unida, integrada, e é hoje um baluarte da liberdade e da dignidade na África. A suástica dos racistas da África do Sul não flutua no palácio de Luanda (*Aplausos*).

Estudar um pouco a história verdadeira e tirar as conclusões corretas das suas lições, é o que aconselhamos ao senhor Ford.

Com a derrota imperialista em Angola, o senhor Kissinger mal tem tempo para correr de um lado para outro atijando o medo à Revolução Cubana. Fazem poucos dias percorreu meia dúzia de países latino-americanos e agora anuncia uma nova viagem por numerosos países da África, um continente que antes do seu Girón africano ele nem se dignou olhar.

Nenhum país da América Latina, seja qual fôr o seu regime social, terá nada que temer das Forças Armadas de Cuba. Temos a mais profunda convicção que cada povo deve ser livre para construir o seu próprio destino; que cada povo e somente o povo de cada país deve fazer e fará

a sua própria revolução. O governo de Cuba nunca pensou em levar a revolução a nenhuma nação deste hemisfério com as armas das suas unidades militares. Seria absurda e ridícula semelhante idéia. Não foi Cuba que arrebatou ao México a maior parte do seu território, nem desembarcou 40 mil fuzileiros navais para esmagar a revolução em São Domingos, nem ocupa um pedaço do território panamenho, nem oprime um país latino em Porto Rico, nem planifica assassinatos de dirigentes estrangeiros, nem explora as riquezas e os recursos naturais de nenhum povo neste hemisfério.

Nenhum país da África Negra, tem que temer nada do pessoal militar cubano. Somos um povo latino-africano, inimigo do colonialismo, do neo-colonialismo, do racismo e do apartheid protegidos e apadrinhados pelo imperialismo ianque.

Dizem que Kissinger quer reunir-se na África com os representantes dos movimentos de libertação deste Continente. Qualquer coisa é possível também, na África Negra, depois do Girón de Angola (*Aplausos*). Mas que classe de hipócritas, cínicas e farisaicas palavras pode dirigir Kissinger aos movimentos de libertação da África, aos representantes dos povos oprimidos da Rodésia, da Namíbia e da África do Sul, ele que representa o império que apoiou, sem nenhum escrú-

pulo, o colonialismo português e hoje protege, apadrinha e apoia com meios econômicos e políticos, os racistas sul-africanos e rodesianos, violando descaradamente os acordos e as resoluções das Nações Unidas?

Ford e Kissinger possuem o hábito inveterado da chantagem e da ameaça como instrumento de política exterior. Não estão distantes os dias em que ameaçaram com meios militares os países produtores de petróleo. Agora usam a mesma linguagem cínica e desavergonhada contra Cuba. Não são os primeiros governantes ianques que tentam inutilmente estas práticas intimidativas contra a nossa pátria. Eisenhower, Kennedy, Johnson e Nixon, todos tentaram intimidar Cuba. Todos, sem exceção, subestimaram a Revolução Cubana e todos enganaram-se (*Aplausos*). Cuba não pode ser intimidada com ameaças bélicas. Uma guerra contra Cuba sabe-se quando e como pode começar, isso podem decidir quatro dementes, mas o que não se sabe é quando e como pode terminar (*Aplausos prolongados*).

Só podem ser intimidados os povos que não têm dignidade. Nós já vivemos a Crise de Outubro de 1962, e dezenas de armas atômicas apontando para Cuba não fizeram vacilar na nossa pátria, nem sequer as crianças (*Aplausos*). As ameaças de Kissinger o povo de Cuba pode res-

ponder com aqueles versos de uma poesia clássica espanhola:

*E se caio,
o que é a vida?
Por perdida
ja a dei,
quando o jugo
do escravo
como um bravo
sacudi (Aplausos).*

Os imperialistas ianques possuem centenas de milhares de soldados no estrangeiro; possuem bases militares em todos os continentes e em todos os mares. Na Coréia, no Japão, nas Filipinas, na Turquia, na Europa Ocidental, no Panamá e em muitos outros lugares, contam-se por dezenas e centenas as suas instalações militares. Na própria Cuba ocupam pela força um pedaço do nosso território.

Que direito moral e legal eles têm de protestar contra Cuba por facilitar instrutores e assistência para a preparação técnica dos exércitos dos países da África e de outras áreas do mundo sub-desenvolvido que assim o solicitarem?

Que direito têm para impugnar a ajuda solidária que prestamos a um povo irmão da África criminosamente agredido como Angola?

O que dói nos imperialistas é que Cuba, o país agredido e bloqueado, que fazem 15 anos quiseram destruir com uma invasão mercenária, seja hoje um baluarte sólido e inexpugnável do movimento revolucionário mundial, cujo exemplo de coragem, dignidade e firmeza é um alento na luta dos povos pela sua libertação (*Aplausos*).

Por outro lado, a nossa ação revolucionária não se desenvolve à margem da correlação mundial de forças, nem dos interesses da paz internacional. Não somos inimigos da distensão nem da coexistência pacífica entre os Estados de diferentes sistemas sociais, baseados no acatamento irrestrito às normas do direito internacional. Estaríamos dispostos, mesmo, a manter relações normais com os Estados Unidos sobre a base do respeito mútuo e da igualdade soberana, sem renunciar a um só dos nossos princípios e sem deixar de lutar para que, na esfera internacional, as normas de convivência pacífica e o respeito aos direitos de cada nação sejam aplicados, a todos os povos do mundo, sem exclusão.

Os Estados Unidos ocupam em Guantánamo um pedaço do nosso território; os Estados Unidos mantêm há mais de 15 anos um bloqueio criminoso contra a nossa pátria. Cuba nunca se dobrará ante esta política imperialista de hostilidade e de força e lutará contra ela incansavel-

mente (*Aplausos*). Temos dito que não pode haver negociações enquanto houver bloqueio. Ninguém pode negociar com um punhal no peito.

Não importa se ficarmos mais 20 anos sem relações com os Estados Unidos (*Aplausos*). Aprendemos a viver sem elas e apoiando-nos na nossa sólida e indestrutível amizade com a URSS (*Aplausos*), temos avançado mais nestes anos que qualquer outro país da América Latina. Se o comércio com os Estados Unidos pudesse significar, talvez, algumas vantagens e um ritmo um pouco mais rápido de desenvolvimento, preferiríamos andar mais devagar, mas com a frente erguida e as bandeiras da dignidade inteiramente desfraldadas (*Aplausos*). Não trocaremos a primogenitura revolucionária, que nos dá o fato de ser a primeira revolução socialista no hemisfério ocidental, por um prato de lentilhas (*Aplausos*). Como os cristãos, também podemos dizer que nem só de pão vive o homem.

Dias atrás, e coincidindo com as ameaças ianques de Ford e Kissinger, barcos piratas, cujos tripulantes, todo o mundo sabe, radicam nos Estados Unidos, atacaram dois barcos pesqueiros cubanos. Uma vez mais, um trabalhador humilde do mar foi selvagemmente assassinado. Isto constitui uma flagrante violação do Memorandum de Acordo sobre a Pirataria Aérea entre Cuba e os Estados Unidos. Se tais fatos não cessarem e os seus

autores não forem exemplarmente castigados, isso significará o fim de tal acordo (*Aplausos*). Não se alegue depois que o Governo dos Estados Unidos não teria sido advertido a tempo das consequências dos seus irresponsáveis atos.

De Girón até hoje transcorreu muito tempo. As nossas Forças Armadas Revolucionárias possuem na atualidade um potencial incomparavelmente maior. Os nossos soldados, sargentos e oficiais adquiriram uma preparação muito superior. Mais de meio milhão de homens constituem a reserva das nossas unidades militares (*Aplausos*). O equipamento mais moderno, fornecido pela URSS, renova e aperfeiçoa sem cessar os nossos meios de combate. O país é muito mais forte em todos os sentidos. O nosso Partido, nascido virtualmente, como disse, nos dias de Girón, é hoje uma formidável e aguerrida organização de vanguarda. O povo e o Estado organizam-se sobre bases cada vez mais amplas e sólidas. Quem tentar apoderar-se de Cuba —como disse Maceo— só recolherá o pó do seu solo regado em sangue, se não perecer na luta! (*Aplausos prolongados*)

Inclinemos as nossas frentes com respeito e gratidão eterna aos heróis que, com a vitória de há quinze anos, fizeram possível a pátria digna, valente e indestrutível de hoje.

Pátria ou Morte! Venceremos! (*Ovação*)

Esta edição foi composta e impressa
na Unidade Produtora O1 "Osvaldo
Sánchez" do Instituto Cubano do Livro,
em Havana. Terminou-se de imprimir
no mês de abril de 1976 "Ano do XXº
Aniversário do Granma"

AC-06
1248